

QUESTÕES QUE PERSISTEM EM HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA *

Konrad Koerner**

RESUMO: *A Historiografia da Lingüística, no sentido de “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios” é de safra recente. Nas seções acima, são analisadas algumas das posições e propostas concernentes à historiografia, feitas por vários autores de fora do campo da lingüística e da sua história. Tecem-se considerações sobre como a pesquisa em história das ciências da linguagem deve ser empreendida e desenvolvimentos anteriores no campo são apresentados.*

PALAVRAS-CHAVE: *Historiografia e Lingüística; História Intelectual; Filosofia e Sociologia da Ciência; Metodologia.*

0. OBSERVAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A *Historiografia da Lingüística*, no sentido de “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios” (o que naturalmente inclui a discussão de questões de metodologia e epistemologia), e não no (talvez mais tradicional) sentido de “(mera-mente) registrar a história (ou escrever a história) da pesquisa lingüística” (cf. Sebeok 1975) é de safra recente. Enquanto tal, deve ser distinguida da *História da Lingüística* (HoL) ou ‘História das Ciências da Linguagem’, o efetivo registro da *res gestae* da pesquisa lingüística

* Este texto é uma versão amplamente revista do texto apresentado na VI Conferência Internacional das Ciências da Linguagem, acontecida em Washington, D.C., em agosto de 1993, a ser publicado nas atas do encontro, *History of Linguistics 1993: Papers from [...] ICHoLS VI* ed. por Kurt R. Jankowsky (Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995). Devo-lhe meus agradecimentos e, especialmente, a John E. Joseph pelos seus comentários sobre a versão anterior do texto, que me conduziram a uma maior precisão em vários pontos. Joseph questiona a utilidade da minha distinção história-historiografia, que tenho feito regularmente desde que entrei pela primeira vez no debate há cerca de 25 anos atrás. Talvez o termo ‘nova história’ pudesse ser uma outra maneira de expressar o que tenho feito desde meus primeiros textos programáticos sobre o assunto (e.g., “Towards a Historiography of Linguistics: 19th and 20th century paradigms”, *Anthropological Linguistics* 14:7.255-280, 1972). A expressão ‘nova história’ tem sido usada recentemente para descrever o trabalho de Robert William Fogel (cf. seu *Which Road to the Past? Two views of history*, New Haven: Yale Univ. Press, 1983) e Douglas Cecil North (cf. seu *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*, Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1990), os dois recebedores do Prêmio Nobel de Economia de 1993. Meus agradecimentos são extensivos a Maria Cristina Altman que, com a presente tradução, me dá o ensejo de dirigir-me à comunidade acadêmica brasileira, em português.

** Universidade de Ottawa.

através dos séculos. Assim, *Historiografia da Lingüística* - ou 'Historiografia Lingüística', como se tornou mais amplamente empregado - é mais do que um termo para descrever a atividade de 'escrever a história', embora, com certeza, tenha relação com ela. Seu resultado é, com certeza, história, i.e., o discurso sobre o passado tal como produzido pelo historiador, distinto da 'história', no sentido de "fatos do passado".¹ A História da Lingüística, campo de estudo que trata da descrição do desenvolvimento da ciência da linguagem desde seu início até os desenvolvimentos atuais obteve, ao que parece, fama merecida em anos recentes. O estabelecimento de sociedades acadêmicas devotadas à história da lingüística, tanto na Europa quanto na América do Norte, é apenas um sinal disto, ao qual se devem acrescentar os vários encontros especializados internacionais que têm acontecido desde o final dos anos setenta, notadamente as trienais Conferências Internacionais das Ciências da Linguagem (ICHoLS): Ottawa, Canada (1978), Lille, França (1981), Princeton, E.U.A. (1984), Trier, Alemanha (1987), Galway, Irlanda (1990), e Washington, D.C. (1993), com a sétima conferência programada para acontecer em Oxford, Inglaterra, em setembro de 1996.

Outras indicações de que o assunto está se aproximando da maturidade são o número de pesquisadores que começaram a se interessar seriamente pelas questões de método e de epistemologia da historiografia lingüística, cuja primeira discussão organizada se deu no final da década de sessenta, quando o livro de Thomas S. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* (1962), começou a exercer impacto na história da lingüística (Hymes 1974). Aos esforços individuais de alguns autores (Koerner 1978, Grottsch 1982, Schmitter 1982) se sucederam colóquios e volumes coletivos dedicados ao assunto (Dutz & Kaczmarek 1985, Schmitter 1987, Hüllen 1990). Seria desejável que este debate continuasse, já que ainda não se pode dizer que há, em algum grau satisfatório, uma maneira única de proceder na pesquisa historiográfica em lingüística, ou cânones estabelecidos que sejam amplamente aceitos pela comunidade acadêmica. Enquanto tal não ocorre, é legítimo que o historiógrafo procure diretrizes e modelos a imitar para além do seu próprio campo. É importante compreender, entretanto, que devido à natureza particular do assunto sob investigação, nomeadamente, teorias da linguagem (e teorias da lingüística), sua aplicação e sua evolução através do tempo, os historiadores da lingüística devem insitir em buscar seu próprio quadro de trabalho, sua própria metodologia e epistemologia, e não esperar que métodos e *insights* de outros campos sejam diretamente aplicados ao seu objeto de investigação, como procurarei esclarecer a seguir.

1 Ofereço uma outra maneira de explicar a que estou me referindo: quando estiver falando do estabelecimento dos fundamentos de como empreender a tarefa de escrever a história - uma atividade metahistórica sem dúvida - eu uso o termo - e de qualquer narrativa que resulte desta atividade, quando bem sucedida - 'historiografia'. Por analogia, quando discutindo princípios, pode-se referir a isso como 'metodologia' e, quando efetivamente aplicados, 'método'.

A Croce (1915) devemos a distinção entre *crônica* e *história*. A primeira consiste em registrar meramente os acontecimentos do passado, sem oferecer qualquer tentativa de distinção entre uma ocorrência significativa e uma não significativa. É importante ir um passo além e procurar distinguir *história* de *historiografia*, para tentar clarear o ponto de partida dos primeiros trabalhos no campo que, muito freqüentemente, tenderam ao partidarismo, o que Butterfield (1931) chamou de histórias *Whig*². Poucos tratamentos históricos da lingüística produzidos até hoje esboçaram, para não dizer que nada foi feito neste sentido, um guia útil a partir do qual o pesquisador do campo devesse ou pudesse operar sem repetir certas deficiências, erros ou distorções mais sérias de trabalhos anteriores. Para o estabelecimento de um ideário em historiografia da lingüística, é preciso começar por admitir que não basta de modo algum ser bem versado em assuntos relativos à lingüística para se qualificar como historiador da disciplina. Aliás, até hoje, a história da lingüística tem sofrido consideravelmente com o trabalho amador realizado por eminentes estudiosos da linguagem que voltaram sua atenção para este aspecto particular da disciplina. Malkiel (1983[1969]:52) falou sobre a ‘dupla perícia’ de que o historiador de uma determinada ciência deve ser equipado, isto é, além do “conhecimento específico sobre um domínio científico [...]” ele “deve ter um bom conhecimento da história intelectual (incluída no domínio matriz da história geral)”. O historiógrafo da lingüística, entretanto, precisa mais do que esta perícia dupla, que deve ser vista como *conditio sine qua non* para qualquer um empenhado na pesquisa de acontecimentos passados e no desenvolvimento da lingüística.

Sem dúvida, a construção das verdadeiras bases da historiografia da lingüística impõe grandes exigências à atividade acadêmica individual, amplitude de escopo e profundidade de assimilação, exigindo um conhecimento quase que enciclopédico da parte do investigador, dada a natureza interdisciplinar desta atividade. Campo de investigação cujos vieses deveriam consistir somente em favorecer o restabelecimento dos fatos mais importantes do nosso passado lingüístico *sine ira et studio* e explicar, tanto quanto possível, as razões das mudanças de orientação e de ênfase e a possível descontinuidade que delas se pode observar, sua prática requer, ainda, capacidade de síntese, i.e., a faculdade de destilar o essencial da massa dos fatos empíricos coligidos a partir das fontes primárias. Em outras palavras e para usar uma distinção contemporânea, a historiografia da lingüística tem que ser ‘teoricamente orientada’ [*theory oriented*] e não ‘orientada para os dados’ [*data oriented*], embora não haja dúvida de que muita leitura das fontes originais ainda tenha que ser feita, a fim de se estabelecer adequadamente os fatos básicos no desenvolvimento da disciplina. Isto não foi feito em nenhuma extensão satisfatória, nem mesmo para o século XIX, no qual muito da moderna lingüística ocidental foi construído, quer falemos dos neogramáticos e do seu trabalho, quer

2 *Whig history*, historiografia ‘pro domo’, em que o historiógrafo faz uma história ufanista da teoria/tradição em que trabalha como lingüista, ou da teoria/tradição que lhe interessa promover. (N. do T.)

das tendências lingüísticas que se seguiram às idéias humboldtianas sobre linguagem e mente, uma tradição cuja real amplitude é pouco reconhecida pelas histórias da lingüística contemporâneas. Na prática, a maior parte do trabalho de apresentação da história da lingüística de uma maneira científica ainda está por ser feito, não obstante os muitos esforços, individuais ou coletivos dos últimos quinze e poucos anos. (ex., Schmitter 1987-; Auroux 1989-; Lepschy 1990-1994)

Já desde o início dos anos setenta, vários pesquisadores interessados pela história da lingüística como uma especialidade acadêmica esforçaram-se em propor diretrizes para uma conduta apropriada da pesquisa historiográfica (ex., Hymes 1974, Simone 1975, Koerner 1976). À época, o livro de Kuhn *The Structure of Scientific Revolutions* (1962; 21970) exerceu impacto considerável no debate, à proporção que a discussão se centralizava na questão sobre até que ponto sua morfologia das revoluções científicas poderia fornecer um guia útil para o historiador da lingüística. Esta discussão parece ter se amainado ao final da década de setenta, possivelmente como resultado do texto de Percival (1976), que questionou a procura de 'paradigmas' na lingüística sem, entretanto, ter oferecido um caminho alternativo. Houve, claro, várias razões para que Kuhn tivesse sido tão entusiasticamente acolhido por vários cientistas sociais e comportamentis, embora seu livro tivesse visado às ciências naturais, em particular, a física teórica. Dentre elas, a falta de conhecimento do trabalho de outros filósofos da ciência e historiadores, anteriores e contemporâneos, a falta de precisão de muitas das definições de Kuhn (o que permitiu diferentes interpretações do seu argumento) e sua ênfase na dinâmica social que envolvia tais mudanças, o que agradava especialmente aos cientistas sociais. Em outras palavras, pode ter sido em parte a abertura [*open-endedness*] do livro de Kuhn que se tornou, ela mesma, paradigmática. (Outra razão para o sucesso do livro nas ciências sociais parece se dever ao fato de Kuhn ter derivado vários componentes do seu trabalho, inclusive o conceito de 'paradigma', das chamadas disciplinas 'intelectuais' - não há palavra em português satisfatoriamente equivalente ao termo alemão *Geisteswissenschaften*).

Os anos oitenta assistiram a uma variedade de estudos que ofereciam linhas alternativas de conduta historiográfica, levando o debate para o domínio específico da abordagem histórica em lingüística (ex., Bahner 1981, Bokadorova 1986, Christmann 1987). Entretanto, nenhuma base comum sobre como proceder em historiografia lingüística foi ainda estabelecida, e há indícios de que o debate continuará por algum tempo (ex., Elffers-van Ketel 1991, Parte I). Nas seções seguintes, analiso algumas das posições e propostas relativas à historiografia, feitas por vários autores de fora do campo da lingüística e da sua história. A seguir, procuro apresentar certos desenvolvimentos anteriores no campo da pesquisa historiográfica bem como procuro tecer algumas considerações sobre como a pesquisa em história das ciências da linguagem deveria, a meu ver, ser empreendida.

1. ABORDAGENS EM HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

A procura dos fundamentos específicos da historiografia da lingüística conduziu a várias propostas diferentes. Estas podem ter se originado tanto na área particular de estudo escolhida pelo pesquisador - não há dúvida de que faz diferença se alguém está estudando os escritos lingüísticos da Idade Média ou os do século XIX - quanto no 'foco da pesquisa' [*Erkenntnisinteresse*], resultante do ponto de vista do pesquisador. Aqueles que entraram para a história da lingüística pelo estudo do texto literário, é de se esperar, oferecem perspectivas diferentes de alguém que veio da filosofia, história, ou da lingüística propriamente dita, para não mencionar aqueles que entraram para a lingüística advindos da matemática ou das ciências 'duras'. A posição que aqui defendo é a de que o historiador da lingüística deve ter tido treino em lingüística, a fim de ter uma compreensão adequada de quais são as questões particulares ao campo, embora, novamente, isso possa se aplicar muito mais à lingüística dos dois últimos séculos do que a de períodos anteriores. Claro que isto não é suficiente. É por demais freqüente que lingüistas do momento presente tendam a projetar seus interesses e entendimento atual nas teorias do passado e, conseqüentemente, acabem distorcendo as questões e os comprometimentos teóricos de períodos anteriores. Portanto, o historiógrafo da lingüística deve se familiarizar com mais de um tipo de transmissão da teoria e da prática lingüística e de suas mudanças através do tempo.

Do ponto de vista metodológico, pode-se perguntar o que outros campos da pesquisa histórica, já estabelecidos, têm a oferecer ao historiógrafo da lingüística, sem deixar de ter em mente, ao mesmo tempo, que seu objeto de estudo, i.e., idéias sobre a linguagem e proposições para sua descrição e explicação, imporá uma abordagem particular ao investigador.

1.1 História da Lingüística e História Intelectual

Parece que vários pesquisadores consideram a História da Lingüística parte de uma História das Idéias geral. Esta impressão é reforçada pelo fato de que a *Henry Sweet Society*, de Oxford, criada em 1984, inclui "a história das idéias lingüísticas" como parte do seu nome. É um truismo dizer que a história da lingüística não pode ser estudada no vácuo, simplesmente como uma sucessão de teorias sobre a linguagem divorciadas do clima geral de opinião no qual foram formuladas. Seu contexto deve também incluir o conhecimento de como as outras disciplinas, tanto as vizinhas quanto as distantes, estavam naquele determinado ponto do tempo. Em suma, estreitar demais o alinhamento da História da Lingüística com a História das Idéias, ou campo similar de estudo, não parece ser uma solução para o problema de encontrar uma metodologia própria para a pesquisa historiográfica em lingüística. Por exemplo, parece revelador que ainda em 1977, uns quarenta anos após a publicação do influente livro de

Arthur O. Lovejoy (1873-1962), *The Great Chain of Being* (1936), um artigo tenha sido publicado no *Journal of the History of Ideas*, fundado por Lovejoy em 1940, cujo autor afirma:

No geral, a metodologia da história das idéias está na sua infância. O campo está, a este respeito, atrasado em relação à história geral, de que faz parte. Poderíamos, portanto, sugerir que o interesse dos historiadores das idéias deveria estar mais voltado para os problemas metodológicos do seu campo do que tem sido o caso até agora. A razão é que quando a fundação de uma casa está vacilando, não faz muito sentido acrescentar a ela, continuamente, novos pavimentos. (Kvstad 1977:174)³

Infelizmente, as próprias propostas de Kvstad estão longe de ser satisfatórias: o aparato pseudo-formal e as definições 'lógicas' que ele oferece não levam a nenhum *insight* ou princípios de pesquisa úteis (tampouco o faz seu texto "Method" de 1979). Mas a discussão relativa aos pontos em contato - e às diferenças epistemológicas - entre a História da Lingüística e a História das Idéias, seja no sentido de Lovejoy (1936), seja no sentido de 'história intelectual' (Mandelbaum 1965) não deve ser definitivamente abandonada. De fato, alguns podem argumentar que certos trabalhos mais recentes como os de Dominick LaCapra, *Rethinking Intellectual History* (1983), e muitos outros dos seus textos, poderiam despertar no historiador da lingüística novos *insights*. Entretanto, se o diálogo entre um dos seus resenhadores (Pagden 1988) e o próprio LaCapra (1988) serve de guia, parece que esta linha de trabalho avançou pouco além do estágio da discussão. Quando exemplificada - pelo menos no caso de LaCapra (v. p. 680 e n.3) - acabou por produzir análises literárias ou filosóficas, e não análises de história intelectual. Como o próprio LaCapra concede (1988:678), seu estilo é "freqüentemente polêmico", e seu objetivo é "estabelecer o fundamento para um intercâmbio mais frutífero entre a história intelectual, cultural e social", protegendo a "história intelectual de descaminhos" (p.679). Em suma, parece que o foco ainda está mais nos problemas epistemológicos e 'atitudinais' do que nos metodológicos. É, portanto, de se imaginar, o quanto um historiador pode aprender destes projetos imbuídos do pensamento pós-estruturalista francês, notadamente do trabalho de Jacques Derrida, que pretendem entrar no 'discurso dialógico' com 'vozes do passado', sem compreender "que para conversar com o passado, deve-se primeiro tentar reconstruí-lo - texto ou autor" (Pagden 1988:526). É bastante interessante que,

3 "On the whole, the methodology of the history of ideas is in its infancy. The field is in this respect behind general history, of which it is a part. One may therefore suggest that the interest of historians of ideas should be more directed towards the methodological problems of their field than has hitherto been the case. The reason is that when the foundation of a house is shaky, it does not make much sense continuously to add new stories to it" (Kvstad 1977:174).

te interessante que, ao mesmo tempo em que ataca o trabalho daqueles que seguem o programa francês da *histoire des mentalités* - que, devido à sua ênfase em um dado 'conjunto mental' de que se diz determinar uma dada cultura, de tal modo que o analista deve recorrer a pressões externas não especificadas se ele quiser dar conta das mudanças - o trabalho de LaCapra e outros parecem conduzir mais a um relato presentista do que a uma análise histórica.

A natureza da lingüística como um campo de objeto bem definido - a linguagem humana em todas as suas manifestações - requer para esta questão, talvez, mais do que uma inspiração ou uma associação com a história das idéias, ou com a 'história da filosofia'. Passmore (1967) se expressa contra a idéia, defendida também por Kristeller (1964), de que historiadores, mais do que filósofos, escrevam a história das idéias filosóficas, argumentando que "é quase certo que o puro historiador, sem entusiasmo filosófico, comporá uma doxografia" (1967:229), i.e., um relato inteiramente desvinculado, cronológica e biograficamente das escolas passadas do pensamento filosófico. Nisto, Passmore está plenamente de acordo com a visão expressa por Malkiel, citado anteriormente, e de cuja opinião compartilho.

Em meu próprio trabalho (ex., Koerner 1978), encontrei o conceito de Carl Lotus Becker (1873-1945) de 'clima de opinião', particularmente útil para mapear a atmosfera intelectual de um dado período em que certas idéias florescem, são recebidas ou rejeitadas. Becker (1971[1932]:5) exemplificou este termo da seguinte maneira:

Se argumentos são aceitos ou não, depende menos da lógica que veiculam do que do clima de opinião em que são sustentados. O que torna a argumentação de Dante, ou a definição de São Tomás sem sentido para nós - não é má lógica ou falta de inteligência, mas o clima de opinião medieval - aquelas concepções instintivamente sustentadas, no sentido amplo, aquela *Weltanschauung*, ou visão de mundo - que impuseram a Dante ou a São Tomás um uso peculiar da inteligência e um tipo especial de lógica. Para compreender porque nós não conseguimos seguir facilmente Dante ou São Tomás, é necessário entender (e saber como pode ser) a natureza deste clima de opinião.⁴

Aqueles que trabalham em história da lingüística terão certamente aprendido a apreciar a observação de Becker, embora também tenham aprendido que não apenas o clima de opinião de um período dado terá que ser reconstruído, mas também vários outros fatores

4 "Whether arguments command assent or not depends less upon the logic that conveys them than upon the climate of opinion in which they are sustained. What renders Dante's argument or St. Thomas's definition meaningless to us is not bad logic or want of intelligence, but the medieval climate of opinion - those instinctively held conceptions, in the broad sense, that *Weltanschauung* or world pattern - which imposed on Dante and St. Thomas a peculiar use of the intelligence and a special type of logic. To understand why we cannot easily follow Dante or St. Thomas it is necessary to understand (as well as may be) the nature of this climate of opinion" Becker (1971[1932]:5).

tivermos que obter uma compreensão melhor do contexto intelectual geral em que teorias particulares se desenvolveram, então uma história das idéias amplamente definida pode ser útil, mas não será uma panacéia.

1.2. História da Lingüística e a Filosofia, Teoria e Prática da História

Como sugerido por Malkiel, a pesquisa geral em história e as discussões que a orientam podem ter algo a oferecer aos historiadores da lingüística. Neste campo de estudo, o trabalho de Hayden White tem sido freqüentemente citado nos últimos anos (ainda que não por historiógrafos da lingüística, até onde eu sei) como influente no debate do método histórico propriamente dito. Neste livro, *Metahistory*, White celebra o trabalho de quatro historiadores do século XIX $\frac{3}{4}$ Jules Michelet, Leopold von Ranke, Alexis de Tocqueville, Jacob Burckhardt $\frac{1}{4}$ que representam “não somente aquisições originais para o escrever a história, mas também modelos alternativos para o que uma historiografia ‘realística’ poderia ser” (1973:141). Ao mesmo tempo, White (p.433) propôs que “nós somos livres para conceber a ‘história’ como quisermos, assim como somos livres para fazer dela o que desejarmos”, sugerindo, dessa maneira, ao que parece, não haver critérios disponíveis para definir o assunto. Em uma coletânea de artigos publicados cinco anos mais tarde, nós o surpreendemos em uma ‘viravolta lingüística’ semelhante a LaCapra e outros. Aqui ele reivindica que “as distinções convencionais entre ‘história’ e ‘historismo’ são virtualmente inúteis” (White 1978:101); ao invés disso, “procura mostrar que é na própria *linguagem* que o historiador usa para descrever seu objeto de estudo, [...] que estão as distinções que os historiadores impõem aos seus materiais de uma maneira mais explícita e formal” (p.102; o grifo é original).

Em outras palavras, White não está muito interessado em realmente escrever a história, mas em analisar e criticar os ‘discursos’ dos outros historiadores ou teóricos da história, notadamente Michel Foucault - daí sua predileção pela ‘metahistória’. Em sua mais recente coletânea de ensaios, com o subtítulo de “Discurso narrativo e representação histórica” [“Narrative discourse and historical representation”], White caracteriza o discurso de Foucault como de “erudição ‘definitivamente’ ampla, (ainda que aparentemente extravagante), [apresentada como] revelações solenes do ‘modo que as coisas realmente são’, reelaborações agressivas do mapa da história cultural, reestruturações ousadas da crônica do conhecimento” (1987:107). Ele não se aventura a discutir como o *Les Mots et les Choses* de 1966, de Foucault (1926-1984), por exemplo, poderia ter contribuído para a discussão da filologia histórico-comparativa do início do século XIX, enquanto uma nova ‘episteme’ na história da lingüística.

Mais de uma vez, encontrei em historiadores ‘tradicionais’ observações às vezes mais esclarecedoras do que os ‘discursos’ teóricos dos modernos teorizadores com aspirações literárias. Por exemplo, ao discutir os desenvolvimentos na lingüística do século XX e a ma-

neira pela qual são apresentados, a descrição de Herbert Butterfield (1900-1979) da interpretação *Whig* da história⁵ é particularmente adequada:

Por este sistema de referência imediata ao momento atual, personagens históricos podem facilmente ser classificados como homens que promoveram o progresso ou homens que o impediram; de modo que existe, à mão, uma regra prática pela qual o historiador seleciona, rejeita, e constrói seus pontos de destaque. (Butterfield 1931:11)⁶

Embora alguns possam pensar que histórias tipo *Whig* e 'presentismo' sejam fenômenos modernos, eles têm ocorrido desde que a história tem sido escrita. Do ponto de vista metodológico, da parte dos historiadores, filósofos ou teóricos da análise histórica, também parece não haver muitos guias disponíveis para o historiógrafo da lingüística, em parte devido ao assunto sob investigação. Teorias sobre a linguagem e a própria lingüística são epistemologicamente bastante distintas dos acontecimentos históricos, sua descrição, interpretação, e explanação.

Mais recentemente, o filósofo Richard Rorty (1984) propôs quatro 'gêneros' para a historiografia da filosofia. Neste ensaio, ele distinguiu a 'reconstrução racional', que é essencialmente presentista, a 'reconstrução histórica', que seria *grosso modo* aquilo com que tenho lidado, a 'história intelectual' [*Geistesgeschichte*], que é essencialmente uma história intelectual amplamente concebida (embora o autor a trate como "o gênero mais rico e mais difuso, que fica de fora desta tríade" p.68), e a 'doxografia', que consiste na formação de cânones e sustentação de uma posição particular.

Enquanto Rorty acredita que os três primeiros tipos têm seus usos, - e seria difícil discordar da sua sugestão - o quarto deveria ser abandonado como atividade acadêmica. Na suas próprias palavras, o seu tipo de 'história intelectual' "serve para manter a *Geistesgeschichte* honesta, assim como a reconstrução histórica opera para manter a reconstrução racional honesta" (p.71). Anteriormente, Rorty (p.56) tinha contrastado 'reconstrução histórica', "relatos contextualizados, que nos impedem de ver os desenvolvimentos posteriores" e 'reconstrução racional', "relatos *Whiggish* que induzem a um melhor conhecimento". Não é de admirar que, se o primeiro é tão estreitamente concebido, o último possa ser visto de forma tão benigna como Rorty sugere. Ao menos na historiografia lingüística, está claro que uma abordagem contextualizada não pode ser bem sucedida se o foco for estreito demais, enquanto que a

5 Cf. nota 2 acima. (N. do T.)

6 "Through this system of immediate reference to the present-day, historical personages can easily be classed into the men who furthered progress and the men who tried to hinder it; so that a handy rule of thumb exists by which the historian can select and reject, and can make his points of emphasis" (Butterfield 1931:11).

atividade presentista de 'reconstrução racional', por todas suas intenções e propósitos, não é absolutamente fazer história.

1.3 Historiografia Lingüística e História & Filosofia da Ciência

Em contraste com a história intelectual e os vários tipos de tratamento da história geral ³/₄ embora a historiografia lingüística tenha que levar em conta as correntes intelectuais de um período dado que possam ter causado impacto sobre o pensamento lingüístico - a História e a Filosofia da Ciência parecem ter mais a oferecer ao historiador da lingüística, em parte devido aos seus avanços em epistemologia e metodologia. Evidentemente, a morfologia das revoluções científicas de Kuhn (1962) contribuiu com uma parte importante na discussão (cf. Lakatos & Musgrave 1970). Entretanto, parece amplamente consensual que a natureza e a conduta da ciência e da filosofia da ciência, seja em termos do paradigmatismo mais recente (cf. também Laudan 1977), ou do indutivismo tradicional e de sua filosofia da ciência oposta, o refutacionismo, (Popper 1959, 1962) fizeram proposições interessantes ao historiador da lingüística. De interesse particular são as propostas feitas por pesquisadores tais como Foucault (1966), Hesse (1963, 1980), Kuhn (1977), Lakatos (1974, 1978), Pandit (1983), Sneed (1971), e outros (ex., Krige 1980). Mas, mais uma vez, o historiógrafo da lingüística não deve esperar receber um quadro de trabalho pronto de qualquer que seja a filosofia da ciência.

Como um exemplo de como certas observações feitas pelos historiadores da ciência podem oferecer matéria de reflexão aos historiadores da lingüística, cito a afirmação, feita há uns doze anos atrás, pelo historiador da ciência inglês, Martin Rudwick, que, referindo-se a Hesse (1963), observou o seguinte, sobre a necessidade de investigar o que ele chama de 'analogias criativas' no desenvolvimento de um campo de pesquisa, especialmente em seu estágio de formação:

É pelo menos defensável que há grande probabilidade de uma inovação cognitiva maior emergir do trabalho científico de indivíduos que empregam analogias [...] fortemente 'externas': ou seja, analogias formadas a partir das [áreas] mais longínquas em relação à prática normal da disciplina em questão. Isto pode acontecer quando um campo científico ainda mal merece o nome de 'disciplina', porque sua prática não está ainda fortemente delimitada e institucionalizada. (Rudwick 1979:67)⁷

7 "It is at least arguable that major cognitive innovation is most likely to emerge in the scientific work of individuals who choose to employ analogies that [...] are strongly 'external': that is, analogies that are furthest removed from the 'normal practice' of the discipline concerned. This may happen when a scientific field scarcely yet deserves the name of 'discipline', because its practice is not yet strongly insulated and institutionalized" (Rudwick 1979:67).

Rudwick estava escrevendo sobre o papel de Charles Lyell no desenvolvimento da geologia como ciência, mas sua observação poderia bem ter caracterizado a situação que os primeiros lingüistas histórico-comparativos do começo do século XIX enfrentaram. O 'deslocamento de conceitos' deve ser levado em conta a cada vez que um pesquisador ou cientista está envolvido com o desenvolvimento de alguma coisa como um 'programa de pesquisa' (Lakatos 1978). Como ele poderia se expressar de um modo novo sem recorrer a analogias, metáforas, e empréstimos de outros campos de conhecimento?

Há, com certeza, muitos outros exemplos de como os historiadores da lingüística podem tirar proveito da leitura de historiadores e filósofos da ciência. De fato, especialmente para os séculos XIX e XX, muitas das suas descobertas podem oferecer conceitos úteis, instrumentos de pesquisa para o efetivo escrever a história. Como observado anteriormente, *The Structure of Scientific Revolutions* de Kuhn tem sido particularmente influente, não somente em lingüística, mas também em antropologia e sociologia. Em pronunciamentos programáticos feitos nos anos setenta, freqüentemente me referi às idéias de Kuhn, mas em lugar nenhum sugeri a aplicação acrítica das suas proposições à história da lingüística. Conceitos tais como 'paradigma' ou, seguindo a própria sugestão de Kuhn 1970, 'matriz disciplinar', 'ciência normal', 'revolução científica', e 'operação-limpeza' ainda podem se revelar "úteis para o historiador da lingüística, se ele não forçar o argumento a um ponto dele não fazer mais sentido" (Koerner 1989[1980]:50). Desnecessário dizer, o mesmo se aplicaria, *mutatis mutandis*, a conceitos e noções encontradas em trabalhos de outros historiadores e filósofos da ciência, sejam aqueles da linha do refutacionismo de Popper ou de qualquer outro quadro de trabalho, como por ex., a abordagem epistemológica de Mário Bunge (1984).

1.4 Historiografia Lingüística e Sociologia da Ciência

Vários anos atrás, Roger Chartier se queixou da "preeminência quase tirânica da dimensão social" nos estudos históricos (citado por Pagden 1988:520). Parece, portanto, inevitável, que o historiador da lingüística preste atenção ao trabalho em sociologia da ciência (ex., Merton 1973, Mullins 1973, Amsterdamska 1987, Murray 1994) e, possivelmente, mesmo às descobertas da *Wissenssoziologie*, 'sociologia do conhecimento' (Mannheim 1968). Assim como ao conceito de 'acumulação' de Bourdieu (1975) e, acredito, esbanjando 'capital', tanto social quanto científico, em noções tais como 'dominação', 'valor', 'interesse', 'visibilidade', 'legitimidade' e outras mais que mereçam exploração posterior pelo historiógrafo da lingüística. A distinção de Bourdieu entre 'estratégia de subversão' e 'estratégia de sucessão', i.e., possíveis estratégias de discurso seguidas por cientistas mais jovens que tentam se estabelecer em um determinado campo, mas também sua referência às estratégias de 'exclusão' e 'rejeição', empregadas por aqueles interessados em manter - e aumentar - seu 'capital científico' poderiam ser bem úteis na análise das 'revoluções' em lingüística (a carreira de

Chomsky - e, presume-se, os movimentos estratégicos de Halle em vários pontos de desenvolvimento da Gramática Gerativa - vêm à mente).

Novamente, a ênfase de Kuhn na natureza social das revoluções científicas exerceu um papel importante no estudo da formação de grupos em ciência - Kuhn falou sobre 'colégio invisível' (Crane 1972) - tal como analisado por Mullins (1973) para a biologia e, da mesma maneira, por Murray (1994) para a antropologia da lingüística. Entretanto, o relato de Amsterdamska (1987) dos cem anos de lingüística de Bopp a Saussure, do ponto de vista da sociologia da ciência mertoniana, ainda que não sem mérito, pouco acrescentou ao que já era conhecido - e relatado - por historiadores da lingüística do século XIX, tal como o importante papel do sistema de educação superior na Prússia para a institucionalização do campo da lingüística (assim como de outras disciplinas, claro).

É verdade que o sucesso dos *Junggrammatiker* - ou dos seguidores de Chomsky - não pode simplesmente ser explicado em termos de vitória de uma abordagem lingüística particular, supostamente nova, sobre outra. Mas também não se pode negar que a troca de uma visão 'sâncrito-cêntrica' da língua original indo-européia [*Ursprache*] por uma maior atenção à reconstrução fonológica de uma antigüidade greco-latina clássica exerceu um importante papel na mudança entre a posição sustentada por Schleicher durante a década de 1860 e o quadro de trabalho defendido por Brugmann e seus associados, de 1876 em diante (cf. Mayrhofer 1983). Em outras palavras, embora certas proposições no interior de uma disciplina tenham tido méritos intrínsecos, sua difusão nos limites de uma comunidade de pesquisadores foi auxiliada por fatores externos, tais como a expansão considerável da educação pós-secundária depois da guerra Franco-Prussiana de 1870. Uma expansão similarmente drástica da educação universitária nos Estados Unidos e também na Europa durante a década de 1960 teve um efeito significativo na ampla aceitação das teorias de Noam Chomsky neste período e nas décadas subseqüentes. Mas, mais uma vez, parece não haver um quadro metodológico específico para a historiografia da lingüística que possa ser obtido a partir das abordagens sociológicas da ciência, além de conscientizar-nos do fato de que fatores extra-disciplinares freqüentemente exercem um efeito considerável na evolução de uma dada disciplina, quer aparentemente exata, quer menos rigorosamente definida.

1.5 Para uma síntese das diferentes abordagens

Essas incursões em outros campos da história, história geral, história intelectual, história e filosofia da ciência, e abordagens sociológicas da história sugerem que a história da lingüística tem alguma coisa a aprender de todas estas disciplinas e sub-disciplinas. Entretanto, nenhuma delas, por si só, pode servir de guia para o historiógrafo da lingüística na sua pesquisa. De fato, em última análise, os historiadores da ciência da lingüística terão que desenvolver seu próprio quadro de trabalho, tanto o metodológico, quanto o filosófico. Para

isto, um conhecimento meticoloso da teoria e da prática em outros campos revelam-se verdadeiramente muito úteis, mesmo se o resultado for negativo, isto é, se historiador da lingüística descobrir que este ou aquele campo de investigação histórica tem de fato pouco a oferecer em matéria de método historiográfico.

Como proposto anteriormente, parece que os *insights* advindos da História das Idéias pouco acrescentam ao que os historiógrafos da lingüística teriam chegado por si mesmos: provêm apenas um reconhecimento generalizado de que as teorias lingüísticas não se desenvolvem em total isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica. Em um veio similar, podemos admitir que pelo menos um conhecimento superficial da sociologia da ciência e, talvez, mais importante, uma compreensão da dinâmica das redes sociais de qualquer organização científica, poderiam fazer ao historiador da lingüística algum bem, como pode ser aprendido da detalhada história de Murray (1994) sobre a lingüística norte-americana.

Resultados mais promissores podem advir das revelações das discussões conduzidas pelos filósofos e historiadores da ciência. O influente livro de Kuhn 1962 foi invocado várias vezes antes, mas as várias reações e contraposições a ele merecem igual atenção. A história da lingüística não deve ser tratada como um ramo da história das idéias, ao menos não a partir do advento da filologia histórico-comparativa do início do século XIX. Isto porque a lingüística, diferentemente da filosofia, por exemplo, é uma ciência que tem que lidar (usualmente) com fatos empiricamente verificáveis, assim como com (freqüentemente bastante complexas) teorias e, ao mesmo tempo, com práticas de pesquisa bastante rigorosas, e não meramente com idéias gerais sobre a natureza da linguagem. Esta afirmação pode exigir que o historiador da lingüística entre no debate sobre o estatuto científico da lingüística, pelo menos no que diz respeito aos séculos XIX e XX, sem, entretanto, consumir nele a maior parte das suas energias. (Para períodos anteriores do estudo da linguagem, que precederam a era científica introduzida pela ciência natural do século XIX, outros critérios podem ter que ser desenvolvidos. A aplicação dos princípios modernos da filosofia da ciência a estes períodos mais antigos é, sem dúvida, arriscada. De fato, o entendimento do que é 'científico' e do que constitui 'ciência' pode ter que ser redefinido em diferentes períodos na história da disciplina sob investigação.)

Os outros caminhos abertos para o historiador da lingüística, possivelmente complementares, são os princípios derivados da sua prática histórica. Estou pensando no desenvolvimento de modelos particulares que podem guiar sua pesquisa, na análise crítica do trabalho de nossos predecessores, vários dos quais moldaram muito da nossa visão do passado, e na discussão dos problemas particulares que enfrenta o pesquisador, tais como a idéia da 'influência', o debate sobre a descontinuidade/continuidade ou a questão da 'metalinguagem' em historiografia lingüística, para citar só uns poucos exemplos. Em suma, há ainda muito trabalho a ser feito antes que a História da Lingüística venha a se tornar a Historiografia das Ciências da Linguagem.

2. DESENVOLVENDO PRINCÍPIOS PARA A HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

A década de oitenta testemunhou animado debate sobre metodologia historiográfica em história da lingüística (vejam-se os artigos reunidos em Dutz & Kaczmarek 1985 e em Schmitter 1987); muitas das discussões anteriores e controvérsias foram levantadas por Ayres-Bennett (1987). Não obstante a ausência de guias aceitos para o tratamento da história da lingüística, (notem-se, entretanto, propostas anteriores feitas por outros, por ex., Simone 1975), a tentativa de desenvolver princípios de pesquisa e procedimentos para o trabalho historiográfico em lingüística deve ser feita. Enquanto isso, conceitos tais como 'matriz disciplinar' e 'clima de opinião', 'continuidade' vs. 'descontinuidade', 'evolução' vs. 'revolução', 'corrente principal' vs. 'corrente secundária', 'orientação para os dados' orientação para a teoria', e outros (cf. Koerner 1982) acabaram por se tornar termos mais amplamente aceitos, mesmo se não haja sempre unanimidade no que diz respeito ao seu sentido e escopo da sua aplicabilidade.

Há vários problemas metodológicos - e epistemológicos - que enfrenta o historiógrafo da lingüística. Estes incluem questões de periodização, contextualização e, geralmente, procedimentos de pesquisa e questões relativas aos deslocamentos de ênfase na prática lingüística efetiva, à identificação diferentes fases de desenvolvimento em um quadro de trabalho particular, ou em períodos de tempo mais amplos, e ao papel de fatores externos, por exemplo, os sócio-políticos, na aceitação ou rejeição de um referencial teórico. É preciso um livro inteiro para a discussão adequada destas questões. Sendo assim, os poucos tópicos selecionados apresentados a seguir devem ser simplesmente tomados como exemplos da complexidade e da extensão dos assuntos com os quais o historiógrafo da lingüística deve estar familiarizado. Ao mesmo tempo, eles sugerem que o tratamento da história da lingüística sob princípios - historiografia lingüística - está ainda longe de ter um quadro prático de conduta de pesquisa estabelecido e suficientemente amplo.

2.1 A questão da metalinguagem

O uso da terminologia atual na descrição de fases anteriores do desenvolvimento do pensamento lingüístico conduziu a uma variedade de problemas em nossa compreensão de teorias do passado. A *Cartesian Linguistics* (1966) de Chomsky é o exemplo mais conhecido de distorções efetuadas por um lingüista do século XX sobre as idéias dos pesquisadores da linguagem nos séculos XVII, XVIII e XIX. O que o alvoroço dos anos sessenta e setenta provocado pela interpretação chomkyana encobriu, acabou por ficar evidente para qualquer historiógrafo da lingüística sério: as distorções de Chomsky eram devidas, e em não pequena proporção, à identificação imprópria de termos e conceitos de séculos anteriores com definições e conceitos atuais. Por exemplo, podemos facilmente reconhecer que o uso particular de Chomsky de 'gerar', que tem sua origem na matemática e na teoria da tradução dos anos

cinquenta (cf. Koerner 1989:122-129, para detalhes), tem pouco a ver com a idéias de Humboldt de ‘gerar’, ‘criar’ [*erzeugen*], que, apesar de ter seguido o exemplo da psicologia e da filosofia da linguagem do século XVIII, é amplamente original em Humboldt. Diferentemente de Chomsky, Humboldt não viu a fala como a produção mecânica de sentenças feita por uma máquina cujo ‘poder’ precisa ser ‘restringido’ (não obstante os freqüentes clamores de Chomsky), mas como um esforço verdadeiramente criativo do indivíduo (na verdade Humboldt tinha a criação intelectual do artista e do pensador em mente, e não o *output* do falante médio comum). Considerando os 150 anos ou mais que separam Humboldt de Chomsky, esta divergência de visão não é absolutamente fora do comum. O historiógrafo da lingüística deve não somente entendê-la mas também dar conta dela. Problemas epistemológicos estão sem dúvida aqui envolvidos, mas o ponto mais óbvio que destaco está ligado ao que tenho chamado ‘a questão da metalinguagem’, i.e., a linguagem empregada para descrever idéias do passado sobre linguagem e lingüística e, no caso de Chomsky em particular, ao seu esforço retórico de se distanciar dos seus predecessores imediatos.

Nenhum escritor consegue escapar da questão ao discutir teorias de períodos passados, na medida em que deve tentar, ao mesmo tempo, torná-las acessíveis ao leitor do presente e não distorcer sua intenção e significado originais. A menos que o único objetivo do historiógrafo seja colecionar antigüidades, isto é, descrever conceitos desenvolvidos muitos anos atrás unicamente nos próprios termos utilizados, ele será tentado a usar um vocabulário técnico moderno na sua análise. Este procedimento ‘modernizante’, entretanto, tem conduzido a inúmeras e sérias distorções na história da lingüística, e qualquer historiógrafo perspicaz deve perceber as armadilhas e voltar-se para este problema potencial do uso ‘metalinguagem’.

Há muitos exemplos nos relatos históricos modernos sobre as idéias dos séculos passados, em que idéias, conceitos e procedimentos foram mal compreendidos, deturpados, e distorcidos devido à falta de cuidado do autor no uso da ‘metalinguagem’. As noções de Saussure sobre a arbitrariedade do signo têm sido usadas freqüentemente demais para discutir a ‘semiótica’ dos Estóicos (como se estes pensadores gregos tivessem lido o *Curso* e os textos de Charles S. Peirce postumamente publicados ainda por cima). Da mesma maneira, os autores (anônimos) do acordo sobre a reforma ortográfica do islandês dos séculos XII e XIII foram vistos à luz da fonologia estrutural (como se eles tivessem tido acesso aos *Princípios* [*Grundzüge*] de Trubetzkoy; e os objetivos pedagógicos e a sustentação lógica do argumento dos gramáticos de Port-Royal foram interpretados como os primeiros exemplos de uma abordagem ‘gerativa’ em sintaxe (como se eles tivessem visto os *Aspects*, de Chomsky), para mencionar alguns poucos exemplos (para maiores detalhes, ver Koerner 1993).⁸

8 Esta questão central para a historiografia lingüística, que é o tratamento adequado da terminologia empregada pelos autores do passado, é detalhadamente discutida em Koerner 1993 e, em versão revisada e ampliada, em Koerner 1995 (cf. referências bibliográficas ao final). Esta última versão de 1995 também foi por mim traduzida para o português e se encontra em fase de arbitragem para publicação. (N. do T.)

A solução para o problema dos abusos na linguagem técnica eventualmente cometidos pelo historiógrafo da lingüística pode estar na adoção dos três princípios que se seguem, que, sem dúvida, ultrapassam a questão da metalinguagem e deveriam ter uma aplicação muito mais ampla em historiografia lingüística.⁹

1. O primeiro princípio para a apresentação de teorias lingüísticas propostas em períodos mais antigos diz respeito ao estabelecimento do 'clima de opinião' geral do período em que as teorias se desenvolveram. As idéias lingüísticas nunca se desenvolveram independentemente de outras correntes intelectuais do período; o 'espírito da época' [*Zeitgeist*] sempre deixou suas marcas no pensamento lingüístico. Às vezes, a influência da situação sócio-econômica, e mesmo política, deve igualmente ser levada em conta. Por exemplo, o historiógrafo da lingüística deve estar ciente da discussão sobre a 'ordem natural' [da organização sintática] na França do século XVIII, que tencionava demonstrar a superioridade francesa, e não somente a superioridade lingüística. A discussão aconteceu em um clima político de regra autocrática e de aspirações de supremacia da França.¹⁰ Este primeiro passo em historiografia lingüística pode ser chamado de 'princípio de contextualização.'

2. O próximo passo consiste no esforço de estabelecer um entendimento completo, tanto histórico quanto crítico, possivelmente mesmo filológico, do texto lingüístico em questão. É desnecessário dizer que o historiógrafo deve afastar-se tanto quanto possível de sua formação lingüística individual e dos comprometimentos da Lingüística que lhes são contemporâneos. O quadro geral da teoria sob investigação, assim como a terminologia usada no texto, devem ser definidos internamente, e não em referência à doutrina lingüística moderna. Este pré-requisito pode ser chamado o 'princípio de imanência'.

3. Somente depois que os dois primeiros princípios foram seguidos (assegurando, desta maneira, que um pronunciamento lingüístico tenha sido localizado e compreendido no seu contexto histórico original), pode o historiógrafo aventurar-se a introduzir, ainda que muito cuidadosamente e colocando seu procedimento de forma explícita, aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceptual de trabalho que permita uma melhor apreciação de um determinado trabalho, conceito, ou teoria. Talvez pudéssemos chamar este último passo de 'princípio de adequação.'¹¹

9 Para completar meu argumento, estou retomando os aspectos principais dos pontos que levantei no meu artigo de 1993.

10 Para outros exemplos deste tipo na história da lingüística, ver as contribuições em *Ideologies of Language* ed. por John E. Joseph & Talbot J. Taylor (London & New York: Routledge, 1990).

11 Competirá, entretanto, a especialistas no campo determinar se a tentativa de Owen (1990) de usar as noções pos-tesnirianas de dependência para descrever as teorias sintáticas propostas pelos gramáticos do Árabe clássico preenche tal critério.

do; a seguir, detratores apontam antecedentes, de fato, ou hipotéticos, em uma tentativa de invalidar tais reivindicações. Esta tendência penetrou no escrever a história da lingüística, ainda que seja de se esperar que um historiador encontre mais exemplos de evolução e continuidade do que de revolução e descontinuidade de idéias através dos séculos, pontuados por mudanças de ênfase, incluindo movimentos de pêndulos, às vezes causados pelo afluxo de fatores extra-lingüísticos, tais como avanços em tecnologia, mas também acontecimentos sócio-políticos.

Deixando de lado os muitos exemplos de boa-fé em que um autor se refere diretamente ao trabalho de outros, criticando-o ou aprovando-o, e talvez alguns outros menos óbvios em que tais influências podem ser provadas através de análise textual (e contextual), podem-se encontrar muitas alegações de influência baseadas em similaridades superficiais entre autores, em interpretações errôneas dos textos em questão, ou em tentativas de reduzir a importância de uma figura maior na história da teoria lingüística. Este último caso tem acontecido freqüentemente com o trabalho de Humboldt e Saussure, que são ambos, sem dúvida, pensadores particularmente originais. Deixando de lado o clamor de Hans Aarsleff (1982:335-355) de que Humboldt devia muito mais a Condillac e aos *Idéologues* do que a Kant e a Herder, uma posição que somente uns poucos consideraram válida (cf. Koerner 1989:33-35), há pelo menos duas alegações freqüentes de 'influência' que têm persistido na literatura, apesar das evidências em contrário, nomeadamente, o assim chamado darwinismo de August Schleicher e a suposta influência da sociologia durkheimiana em Saussure.

Schleicher é bem conhecido pelo seu argumento de que a lingüística deveria fazer parte das ciências naturais; e também por ter combinado as primeiras correntes da lingüística comparativa, histórica e tipológica do século XIX para formar uma nova síntese da análise e reconstrução lingüísticas, avançando igualmente sua metodologia (baseada na idéia de árvore genealógica) e terminologia (por ex., o uso de formas asteriscadas). Ambas têm antecedentes em lingüística, mas Schleicher foi o primeiro a delas extrair princípios metodológicos. Quando ele leu a tradução alemã da *Origin of Species* de Darwin, em 1863, e observou, em um ensaio do mesmo ano, que viu suas próprias idéias sobre linguagem confirmadas pelas descobertas de Darwin, muitos escritores subseqüentes, sem ler o que Schleicher tinha freqüentemente afirmado anteriormente a 1863 (e não se dando conta de que ele já tinha publicado duas 'árvores genealógicas' [*Stammbäume*] indo-européias já em 1853, por exemplo, seis anos antes da primeira publicação da *Origin of Species*), interpretaram que Schleicher fora 'influenciado' no seu pensamento lingüístico por Darwin (cf. Koerner 1989:35-37, entre outros, para detalhes). A idéia de Schleicher como um lingüista darwinista é ainda uma idéia fixa em muitos manuais correntes, embora seja demonstradamente falsa.

Da mesma maneira, a caracterização da linguagem como um *fait social* feita por Saussure tem sido tomada como um indicador de que ele desenvolveu seu conceito de *langue* sob a influência dos princípios sociológicos de Émile Durkheim (1858-1917), embora, até o

presente momento, ninguém tenha realmente fornecido evidência convincente desta relação. Entretanto, o fato deles terem sido contemporâneos, ambos escritores de língua francesa, e expressarem idéias comparáveis parece ser suficientemente sugestivo para muitos reiterarem esta sugestão, feita pela primeira vez no Segundo Congresso Internacional de Linguística (Genebra 1931). Embora, ninguém menos do que Antoine Meillet, aluno de Saussure durante seus anos em Paris e seu posterior correspondente e amigo durante o período de Genebra, tenha enfaticamente negado tal conexão (ver Atas do Congresso, p.147). Deve-se acrescentar que Meillet, por seu lado, tinha colaborado com Durkheim, de 1901 em diante. Pesquisadores do momento atual, entretanto, tendem a perpetuar o mito, apesar do nome de Durkheim nunca ter aparecido nos escritos de Saussure, publicados e não publicados, ao passo que Saussure regularmente se refere ao trabalho de Whitney, onde quer que fale sobre linguagem como uma instituição social. Para um verdadeiro historiógrafo da linguística, tal falta de cuidado com a evidência disponível é inaceitável, onde quer que estas alegações sejam propostas. Talvez ele deva, como regra geral, levar em consideração o famoso adágio de Roman Jakobson: "O que é comumente aceito como um fato, é provavelmente falso". (Para detalhes relativos às fontes sociológicas de Saussure, ver Koerner 1989:37-40.)

Diferentemente do *Code Napoléon*, em historiografia linguística, a procura da paternidade não é proibida. Pelo contrário, é de se esperar que muitas idéias tenham sido a nós transmitidas pelos nossos antepassados e, se existe mudança e inovação de fato, ela usualmente toma a forma de variação de temas, de seleção sobre o conhecimento acumulado, e de desvios do clima intelectual que induziram a diferentes maneira de ver as coisas. Compete ao historiógrafo detectar, analisar, e explicar estas mudanças, não ser iludido por aclamações de novidade, originalidade e criatividade, usualmente feitas pela geração imediatamente subsequente.

2.3 Outras considerações

Há, sem dúvida, várias outras questões de ordem metodológica - e mesmo epistemológica - no escrever a história da linguística. Talvez o fato de eu ter me concentrado nos desdobramentos dos séculos XIX e XX tenha me deixado imune a algumas delas. Mesmo assim, a proximidade relativa a estes eventos pode sugerir uma falsa segurança. Quando Herman Paul, por exemplo, na segunda edição (1886) dos seus *Principien*, afirma que 'empírico' e 'histórico' são uma e mesma coisa, o historiador da linguística deve compreender que o entendimento de 'histórico' de Paul era provavelmente diferente do nosso.

Da mesma maneira, o debate atual sobre 'narratividade' em historiografia linguística, sumariado em Schmitter (1992), é um assunto no qual eu não toquei. Novamente isto se deve às minhas áreas de pesquisa e à escolha particular de temas para tratamento histórico. Schmitter tem uma sólida formação em filosofia e um interesse maior pelos textos dos filósofos

fos da linguagem (por ex., Platão, Humboldt) do que pelos dos lingüistas; parece que estas tendências metateóricas têm sua fonte no seu 'foco de atenção' [*Erkenntnisinteresse*]. Como meus esforços nos últimos vinte anos, ou mais, mostraram, tenho tido mais interesse por considerações de ordem prática ou metodológica, pelo desmascaramento de mitos e pelo estabelecimento de um quadro de trabalho que deveria nos ajudar a evitar as armadilhas da investigação histórica que, freqüentemente, é motivada por interesses outros que não a tentativa de corrigir equívocos. Esta posição é assumidamente 'positivista', guiada mais pela inclinação de deixar os fatos falarem por si mesmos (tanto quanto eles podem ser reconstruídos) do que pela tendência de oferecer especulações tentadoras. Se a História da Lingüística ainda se encontra em um 'estágio descritivo' (e não conquistou o 'estágio teórico'), parece desejável manter os pés no chão. Se esta atitude geral faz de mim um positivista, então, que seja. Acontece que eu acredito (*pace* Mackert 1993) que alguns relatos históricos são mais verdadeiros do que outros; o uso de dados históricos e de evidência textual para estabelecer uma interpretação particular de um documento tem alguma validade e não é simplesmente o resultado da fantasia de um historiador.

É bastante interessante, se olharmos o trabalho historiográfico empreendido por aqueles que esposaram determinado tipo de abordagem - e isto inclui, por ex., Schmitter (1993) - que as perspectivas epistemológicas e filosóficas anunciadas nas suas afirmações introdutórias usualmente parecem se evaporar e o resultado das suas pesquisas, de fato, acabam por se tornar, freqüentemente, um trabalho historiográfico de um tipo bastante tradicional. Isto é válido tanto para a história de Stephen O. Murray (1994) da lingüística norte-americana, inspirada no trabalho de Mullin sobre a formação de grupos em ciências (por ex., Mullins 1973, 1980), quanto para a de Randy Allen Harris' (1993) sobre a batalha entre os semanticistas 'interpretativistas' e os 'gerativistas' durante meados dos anos sessenta até o final dos anos setenta, ainda que o autor tenha iniciado sua investigação destas lutas do ponto de vista de um retórico. De fato, a atenção para o detalhe, no esforço de estabelecer os verdadeiros fatos deste debate, notadamente no livro de Harris, é uma reminiscência do trabalho dos historicistas do século XIX, se ignorarmos o fato de que estes escritores modernos parecem incapazes de manter seus *egos* de fora das suas narrativas.

3. CONCLUSÕES: TAREFAS DA HISTORIOGRAFIA DA LINGÜÍSTICA

Nas seções anteriores, ficou sugerido que ainda é preciso muito trabalho para que se estabeleça uma historiografia da lingüística que conduza à adoção de um quadro de trabalho de aceitação generalizada que oriente a pesquisa histórica em um assunto tão amplo como o estudo lingüístico. Ao mesmo tempo, com a disponibilidade de agora termos três jornais explicitamente devotados à história da lingüística, *Historiographia Linguistica* (Amsterdam 1973/74-), *Histoire-Épistémologie-Langage* (Paris 1979-) e, mais recentemente, *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* [*Contribuições à História da Ciência da Linguagem*]

(Münster, 1991-),¹² assim como encontros anuais das várias sociedades regionais e internacionais que se seguiram à fundação da *Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences du Langage*, (S.H.E.S.L), em março de 1978 (em antecipação ao ICHoLS I), o estabelecimento da *Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas* (HSS), em Oxford, no começo de 1984, e da *North American Association for the History of the Language Sciences* (NAAHoLS), no final de 1987, e com os vários outros agrupamentos na Europa desde então,¹³ há toda razão para acreditar que o nível acadêmico em história da lingüística continuará a crescer e que os vários problemas e princípios em historiografia lingüística se tornarão uma parte e uma parcela do conhecimento geral e da prática de pesquisa da maioria dos participantes deste empreendimento.

Ao mesmo tempo, acredito que tenha ficado claro a partir do que disse anteriormente que eu não estou pensando em um sistema complexo epistemológico, metodológico, e, finalmente, em receitas práticas para a conduta historiográfica. Mais do que estabelecer um método que possa favorecer a idéia enganosa de que tal quadro de trabalho possa ser rigorosamente aplicado a todas as situações com as quais o historiador pode se confrontar, meu objetivo é antes muito mais modesto: o estabelecimento de uma lista de princípios práticos e teóricos que sejam amplos o suficiente para encontrar aceitação entre historiógrafos da lingüística, porque podem ser adaptados a períodos diferentes da história das ciências da linguagem e a aspectos particulares sob investigação, linhas guias que possam fazer nossa interpretação do passado mais transparente para colegas que não necessariamente compartilhem da mesma formação, perícia e interesse.

ABSTRACT: *The Historiography of Linguistics in the sense of "principled manner of writing the history of the study of language" is of recent vintage. In what follows, some of the positions and proposals that have been made concerning historiography by various authors outside linguistics and its history are analyzed, then a variety of considerations are offered within which research in the history of the language sciences should be undertaken and past developments in the field presented.*

KEY WORDS: *Historiography and Linguistics; Intellectual History; Philosophy and Sociology of Science; Methodology.*

12 Desnecessário dizer que os historiógrafos da lingüística deveriam empreender todos os esforços para publicar seu trabalho em periódicos gerais de lingüística, pelo menos por duas razões: primeira, para procurar conquistar seu espaço em periódicos acadêmicos bem estabelecidos e, segundo, para assegurar que a História da Lingüística não se desenvolvesse como especialidade fora do domínio da Lingüística, mas permaneça como uma parte da educação profissional de todo lingüista sério.

13 Por exemplo, o holandês *Werkverband Geschiedenis van de Taalkunde* [Grupo de Trabalho em História da Lingüística] fundada em Amsterdam em 1987 e, muito mais recentemente, a Società di storia della filosofia di linguaggio, em Roma, na primavera de 1994 e, a Sociedad española de historiografia lingüística, criada em Valladolid em Janeiro de 1995, com uns cinquenta membros iniciais.

BIBLIOGRAFIA

- AARSLEFF, Hans. 1982. *From Locke to Saussure: Essays on the study of language and intellectual history*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press.
- AMSTERDAMSKA, Olga. 1987. *Schools of Thought: The development of linguistics from Bopp to Saussure*. Dordrecht & Boston: D. Reidel.
- AUROUX, Sylvain, ed. 1989, 1992. *Histoire des idées linguistiques*. 2 vols. Brussels: Pierre Mardaga. [Volume III deve ser publicado em 1995.]
- AYRES-BENNETT, Wendy. 1987. "Linguistic Historiography". *Linguistics Abstracts* 3:3.113-125. Oxford.
- BAHNER, Werner. 1981. "Theoretische und methodologische Aspekte in der Historiographie der Sprachwissenschaft". *Deutsche Zeitschrift für Philosophie* 29:11.1281-1293.
- BECKER, Carl L. 1932. *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers*. New Haven: Yale Univ. Press. (35ª impressão, 1971.)
- BENEDINI, Paola. 1988. "La teoria sintattica dei Modisti: Attualità dei concetti di reggenza e dipendenza". *Lingua e Stile* 23.113-135.
- BOKADOROVA, N[atallija] Ju[ri] evna. 1986. "Problemy istoriologii nauki o jazyke [Problems of a 'historiology' of the science of language]". *Voprosy Jazykoznanija* 35:6.68-75.
- BOURDIEU, Pierre. 1975. "The Specificity of the Scientific Field and the Social Conditions of the Progress of Reason". *Social Science Information* 14:6.19-47.
- BUNGE, Mario. 1984. "Philosophical Problems in Linguistics". *Erkenntnis* 21. 107-173.
- BUTTERFIELD, (Sir) Herbert. 1931. *The Whig Interpretation of History*. London: G. Bell & Sons. (Reimpr., 1968.)
- CHOMSKY, Noam. 1966. *Cartesian Linguistics: A chapter in the history of rationalist thought*. New York & London: Harper & Row.
- CHRISTMANN, Hans Helmut. 1987. "Quelques remarques sur l'histoire de la linguistique". *Historiographia Linguistica* 14.335-341.
- CRANE, Diane. 1972. *Invisible Colleges: Diffusion of knowledge in scientific communities*. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- CROCE, Benedetto. 1915. *Zur Theorie und Geschichte der Historiographie*. Stuttgart: J.C.B. Mohr.
- DUTZ, Klaus D. & Ludger Kaczmarek, eds. 1985. *Rekonstruktion und Interpretation: Problemgeschichtliche Studien zur Sprachtheorie von Ockham bis Humboldt*. Tübingen: Gunter Narr.
- ELFFERS-VAN KETEL, Els. 1991. *The Historiography of Grammatical Concepts*. Amsterdam: Rodopi.

- FOUCAULT, Michel. 1966. *Les mots et les choses: Une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard.
- GROTSCH, Klaus. 1982. *Sprachwissenschaftsgeschichtsschreibung: Ein Beitrag zur Kritik und zur historischen und methodologischen Selbstvergewisserung der Disziplin*. Göttingen: Alfred Kümmerle.
- HARRIS, Randy Allen. 1993. *The Linguistics Wars*. New York: Oxford Univ. Press.
- HESSE, Mary B. 1963. *Models and Analogies in Science*. London & New York: Sheed & Ward. (New ed., Notre Dame, Ind.: Univ. of Notre Dame Press, 1966.)
- . 1980. *Revolutions and Reconstructions in the Philosophy of Science*. Bloomington, Ind.: Indiana Univ. Press.
- HÜLLEN, Werner, ed. 1990. *Understanding the Historiography of Linguistics: Problems and projects*. Münster: Nodus Publikationen.
- HYMES, Dell, ed. 1974. *Studies in the History of Linguistics: Traditions and paradigms*. Bloomington & London: Indiana Univ. Press.
- . 1974. "Introduction". Hymes, ed. 1974.1-38. (Versão revista em Hymes, *Essays in the History of Linguistic Anthropology*, 345-383. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1983.)
- KOERNER, E. F. Konrad. 1976[1972]. "Towards a Historiography of Linguistics: 19th and 20th century paradigms". *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics* ed. por Herman Parret, 685-718. Berlin & New York: Walter de Gruyter. (Reimpr. em Koerner 1978:21-54.)
- . 1978. *Toward a Historiography of Linguistics: Selected essays*. Prefácio de R. H. Robins. Amsterdam: John Benjamins.
- . 1982. "Models in Linguistic Historiography". *Forum Linguisticum* 6:3.189-201. (Reimpr. em Koerner 1989.47-59.)
- . 1987. "On the Problem of 'Influence' in Linguistic Historiography". *Papers in the History of Linguistics: Proceedings of the Third International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS III), Princeton, 19-23 August 1984* ed. por Hans Aarsleff, Louis G. Kelly & Hans-Josef Niederehe, 13-28. Ibid. (Reimpr. em Koerner 1989.31-46.)
- . 1989. *Practicing Linguistic Historiography: Selected essays*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- . 1993. "The Problem of 'Metalanguage' in Linguistic Historiography". *Studies in Language* 17:2.111-134. (Versão revista republicada como cap. 2 em Koerner 1995.27-46.)
- . 1995. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em historiografia linguística*

- KRIGE, John. 1980. *Science, Revolution, and Discontinuity*. Brighton, Sussex: Harvester Press; Atlantic Highlands, N.J.: Humanities Press.
- KRISTELLER, Paul Oskar. 1964. "History of Philosophy and History of Ideas". *Journal of the History of Philosophy* 2.1-14.
- KUHN, Thomas S. 1962. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: Univ. of Chicago Press. (2ª ed.ampliada, 1970.)
- . 1977. *The Essential Tension: Selected studies in scientific tradition and change*. Ibid.
- KVASTAD, Nils Bjorn. 1977. "Semantics in the Methodology of the History of Ideas". *Journal of the History of Ideas* 38.157-174.
- . 1979. "On Method in the History of Ideas". *International Logic Review* 9.100-112.
- LaCAPRA, Dominick. 1983. *Rethinking Intellectual History: Texts, contexts, language*. Ithaca, N.Y. & London: Cornell Univ. Press.
- . 1988. "A Review of a Review". *Journal of the History of Ideas* 49. 677-687.
- LAKATOS, Imre. 1974. *Proofs and Refutations: The logic of mathematical discovery*. Ed. por John Worrall & Elie Zahar. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- . 1978. *The Methodology of Scientific Research Programmes*. Ed. por John Warrall & Gregory Currie. Ibid.
- & Alan Musgrave, eds. 1970. *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- LAUDAN, Larry. 1977. *Progress and Its Problems: Toward a theory of scientific growth*. Berkeley: Univ. of California Press.
- LEPSCHY, Giulio C., ed. 1990, 1994. *Storia della linguistica*. 3 vols. Bologna: Il Mulino. [Uma versão em inglês, em 4 volumes, está sendo publicada em Londres: Longman, 1994E.]
- LOVEJOY, Arthur O. 1936. *The Great Chain of Being: A study in the history of an idea*. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press. (Reimpr., New York: Harper & Row, 1970.)
- MACKERT, Michael. 1993. "Interpretation, Authorial Intention, and Representation: Reflections on the historiography of linguistics". *Language Sciences* 15:1.39-52.
- MALKIEL, Yakov. 1969. "History and Histories of Linguistics". *Romance Philology* 22.530-566, 573-574. (Reimpr. em Y. Malkiel, *From Particular to General Linguistics: Selected essays 1965-1978*, 49-83. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1983.)

- MANDELBAUM, Maurice. 1965. "History of Ideas, Intellectual History, and History of Philosophy". *History and Theory*, Beiheft 5.33-66.
- MANNHEIM, Karl. 1968[1936]. *Ideology and Utopia: An introduction to the sociology of knowledge*. Trad. do alemão por Louis Wirth & Edward Shils. New York: Harcourt, Brace & World. [Ver especialmente o cap. "The sociology of knowledge" (236-280).]
- MAYRHOFER, Manfred. 1983. "Sanskrit und die Sprachen Alteuropas: Zwei Jahrhunderte des Widerspiels von Entdeckungen und Irrtümern". *Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen; I: Philologisch-historische Klasse*, Jahrgang 1983, Nr.5, 121/123-154. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- MERTON, Robert K. 1973. *The Sociology of Science: Theoretical and empirical investigations*. Ed. por Norman W. Storer. Chicago: Univ. of Chicago Press.
- MULLINS, Nicholas C. 1973. *Theories and Theory Groups in Contemporary American Sociology*. New York: Harper & Row.
- . 1975. "A Sociological Theory of Scientific Revolutions". *Determinants and Controls of Scientific Development* ed. por Karin D. Knorr, Hermann Strasser & Hans Georg Zilian, 185-203. Dordrecht & Boston: D. Reidel.
- . 1980. *Social Networks among Biological Scientists*. Ed. por Harriet Zukerman & Robert K. Merton. Chicago & London: Univ. of Chicago Press.
- MURRAY, Stephen O. 1994. *Theory Groups and the Study of Language in North America: A social history*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- PAGDEN, Anthony. 1988. "Rethinking the Linguistic Turn: Current anxieties in intellectual history". *Journal of the History of Ideas* 49.519-529.
- PANDIT, G. L. 1983. *The Structure and Growth of Scientific Knowledge: A study in the methodology of epistemic appraisal*. Dordrecht & Boston: D. Reidel.
- PASSMORE, John. 1965. "The Idea of a History of Philosophy". *History and Theory*, Beiheft 5.1-32.
- . 1967. "Philosophy, History of". *The Encyclopedia of Philosophy* ed. por Paul Edwards, vol. VI, 226-230. New York: Macmillan.
- PERCIVAL, W. Keith. 1976. "The Applicability of Kuhn's Paradigms to the History of Linguistics". *Language* 52.285-294.
- POPPER, Karl R. 1959. *Logic of Scientific Discovery*. New York: Basic Books.
- . 1962. *Conjectures and Refutations: The growth of scientific knowledge*. Ibid.

KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em historiografia linguística*

- RORTY, Richard. 1984. "The Historiography of Philosophy: Four genres". *Philosophy in History: Essays on the historiography of philosophy* ed. por Richard Rorty, J[erome] B. Schneewind & Quentin Skinner, 49-75. Cambridge & New York: Cambridge Univ. Press.
- RUDWICK, Martin J. S. 1979. "Transposed Concepts from the Human Sciences in the Early Work of Charles Lyell". *Images of the Earth: Essays in the history of the environmental sciences. Papers from a conference on 'New Perspectives on the History of Geology', Cambridge, April 1977* ed. por L. J. Jordanova & Roy S. Porter, 67-83. Chalfont St. Giles: British Society for the History of Science.
- SCHMITTER, Peter. 1982. *Untersuchungen zur Historiographie der Linguistik: Struktur - Methodik - theoretische Fundierung*. Tübingen: Gunter Narr.
- , ed. 1987. *Geschichte der Sprachtheorie. Vol.I: Zur Theorie und Methode der Geschichtsschreibung der Linguistik*. Tübingen: Gunter Narr.
- . 1992. " 'Narrativität' als metahistorischer Begriff". *Europäische Sprachwissenschaft um 1800* ed. por Brigitte Schlieben-Lange et al., vol.III, 41-61. Münster: Nodus Publikationen.
- . 1993. "... ob man gleich nicht immer den Garten benamst der die Pflöpfreier hergegeben": Einige Beobachtungen zu den Quellen der Methodologie Wilhelm von Humboldts". *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 21.261-276.
- SEBEOK, Thomas A., ed. 1975. *Current Trends in Linguistics. Vol.XIII: Historiography of Linguistics*. The Hague: Mouton.
- SIMONE, Raffaele. 1975[1973]. "Théorie et histoire de la linguistique". *Historiographia Linguistica* 2.353-378.
- SNEED, Joseph D. 1971. *The Logical Structure of Mathematical Physics*. Dordrecht & Boston: D. Reidel. (2nd ed., 1979.)
- WHITE, Hayden V. 1973. *Metahistory: The historical imagination in nineteenth century Europe*. Baltimore, Md.: Johns Hopkins Press. [Cf. a discussão das idéias de White por Hans Kellner et al. em *History and Theory*, Beiheft 19:4, intitulado *Metahistory: Six critiques*, Middleton, Conn.: Wesleyan Univ. Press, 1980.]
- . 1978. *Tropics of Discourse: Essays in cultural criticism*. Baltimore: Johns Hopkins Press.
- . 1987. *The Content of the Form: Narrative discourse and historical representation*. Ibid.